

## PESQUISA. CULTURA POPULAR

# A origem dos festejos que são a cara do Nordeste

Apesar das diferenças regionais, festas juninas atravessam o tempo e a história como forma de celebrar a relação do homem com o campo

JÚLIO CAESAR

Comida típica, fogueira, quadrilha e fogos de artifício são alguns dos elementos tradicionais das festas juninas que podem ser encontrados em diversas partes do País. Seja em um grande evento na cidade, uma quermesse no salão da igreja ou um arraiaí da família, eles estão comumente presentes nos festejos do mês de junho, que têm raiz histórica nos rituais de celebração das colheitas. A festa milenar, no entanto, foi se transformando ao longo dos anos, mas se manteve como uma manifestação cultural da relação do homem com o campo.

“A festa junina é uma festa enraizada na cultura brasileira, que tem o alimento como um importante elemento de identidade”, aponta a historiadora Eliane Morelli Abrahão, da [Universidade Estadual de Campinas \(Unicamp\)](#). Ela destaca que muitas das quermesses, por exemplo, não estão mais associadas aos santos católicos, mas, sim, à comida. “É uma festa muito associada ao alimento, que acaba sendo o signo da memória coletiva. As comidas típicas significam essa memória coletiva do nosso povo”.

O festejo tem maior expressão nas regiões Norte e Nordeste. Professora de tradições populares do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará (IFCE), Lourdes Maceca aponta que as manifestações culturais assumem características próprias em cada região. “Muitas músicas e escritos falam do quentão, no entanto, a gente não toma essa bebida aqui (no Ceará), toma aluá”, exemplifica.

À base de vinho e especiarias, o quentão aquece junho que já antecipa o frio do inverno no Sudeste. O aluá, por sua vez, tem raiz indígena e pode ser feito à base de abacaxi.



No Nordeste, as quadrilhas se mantêm fortes, atravessando gerações. As cores são a marca do figurino das festas, que atraem crianças e adultos

### Origem

De acordo com Eliane, as comemorações juninas remontam ao século 12 e têm origem nas festas pagãs. “Esses povos da Antiguidade já acreditavam que a celebração à deusa Juno, que era considerada a protetora do casamento, do parto e da mulher, proporcionaria fartas colheitas”, apontou. A Igreja Católica, no entanto, não via com bons olhos essas festas populares e começou um processo de incorporação dos festejos, vinculando-os ao calendário litúrgico. “É o período do solstício de verão na Europa, então está muito ligado com a questão da plantação e das colheitas”.

### Diversidade

A professora Lourdes Maceca explica algumas diferenças regionais dos festejos juninos. No Nordeste, as raízes são bem exploradas nas comidas típicas.

“A batata, a macaxeira, o inhame, a gente usa muito. Comemos cozido, assado na fogueira”, exemplifica.

Há ainda diferenças de nome entre os preparos do milho, que é a base da culinária junina. A canjica do Nordeste é o curau no Sudeste. E a canjica do Sudeste é o mungunzá nos estados nordestinos. Há também a pamonha, que pode ser doce ou salgada e é facilmente encontrada em praticamente em todo o Brasil.

Já no Maranhão, apesar de se encontrar as quadrilhas, o forte é a brincadeira do boi. “Eles têm vários sotaques (forma própria de expressão de uma mesma manifestação cultural). Os sotaques de matraca, sotaque de zambumba, sotaque da ilha, que são formas diferenciadas de fazer musicalmente a brincadeira do boi com diversos

personagens também que se distinguem no Maranhão”, explica Lourdes.

No Amazonas, a grande festa de Parintins ocorre entre os bois Caprichoso e Garantido. “Lá o que seria a brincadeira do boi passa a ser uma festa única, a festa junina em si é em volta do boi”, aponta a professora de tradições culturais. A festa ocorre no último fim de semana de junho.

No Ceará, o tecido de chita está presente das vestimentas à decoração. “A gente gosta muito de coisas coloridas, então a gente usa muito fita, com cores fortes, vivas. A gente brinca muito com essa coisa do figurino, apesar de ter essa estilização, mas que não deixa de usar uma matriz estética para poder compor em cima e essa matriz vem em cima do chitão, das cores, dos quadriculados”, explicou. (Agência Brasil)